



CULTURA, PODER E NATUREZA: A CRISE DO MERCÚRIO E A BUSCA POR JUSTIÇA AMBIENTAL

CULTURE, POUVOIR ET NATURE: LA CRISE DU MERCURE ET LA
QUÊTE DE JUSTICE ENVIRONNEMENTALE
CULTURE, POWER AND NATURE: THE MERCURY CRISIS AND
THE QUEST FOR ENVIRONMENTAL JUSTICE

 <https://doi.org/10.22228/rf.v18i2.1451>

Adaylson Vasconcelos

 IFPB, Monteiro, Paraíba, Brasil

 Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5472-8879>

 E-mail: awsvasconcelos@gmail.com



PERSCH, H. C. A. *O Antropoceno e a (in)justiça ambiental: os efeitos do mercúrio causados pelo garimpo nos guardiões da floresta*. São Paulo: Editora Dialética, 2023.

A análise proposta por Hudson Carlos Avancini Persch em *O Antropoceno e a (in)justiça ambiental: os efeitos do mercúrio causados pelo garimpo nos guardiões da floresta*, editado pela Editora Dialética em 2023, não se limita a um diagnóstico técnico da contaminação ambiental, mas desdobra-se em uma reflexão profunda sobre as relações entre poder, cultura e natureza. O livro mergulha em um cenário de contradições, onde o avanço do garimpo ilegal e os seus efeitos deletérios ilustram a face mais sombria do Antropoceno, esse período em que a ação

humana se converte em força geológica, capaz de alterar o destino do planeta. O que mais impressiona é a maneira como o autor tece o fio da narrativa, conectando as dimensões ecológicas, sociais e culturais do problema, sem jamais perder de vista a perspectiva dos sujeitos que vivem na linha de frente dos impactos.

O mercúrio, elemento central da discussão, não é tratado apenas como um poluente, mas como metáfora de um sistema que subordina vidas e ecossistemas à lógica do lucro. Ao contaminar rios e solos, ele penetra na cadeia alimentar, ameaçando não apenas a saúde física das populações ribeirinhas e indígenas, mas também sua sobrevivência simbólica. O autor demonstra que a contaminação não é um fenômeno isolado, mas parte de um processo histórico de exploração e exclusão, em que comunidades inteiras são lançadas à margem, invisibilizadas pelo discurso hegemônico do desenvolvimento. A injustiça ambiental, portanto, não se resume a uma distribuição desigual dos riscos, mas se manifesta na própria negação do direito à existência de modos de vida alternativos ao capitalismo predatório.

Persch constrói sua análise a partir de uma perspectiva interdisciplinar, mobilizando conceitos da sociologia, antropologia e direito ambiental para compreender a complexidade dos fenômenos em questão. A obra evita simplificações, mostrando que o garimpo ilegal é apenas o sintoma de uma crise mais profunda, que tem suas raízes na colonialidade do poder e na persistência de uma racionalidade econômica que privilegia a acumulação em detrimento da vida. O autor não se contenta em descrever os danos, mas interroga as estruturas que os produzem e os legitimam, questionando a omissão do Estado e a conivência de setores da sociedade com práticas que violam direitos fundamentais.

A resistência dos povos indígenas e das comunidades tradicionais emerge como um dos eixos centrais da narrativa. Persch não apenas denuncia a violência ambiental, mas também valoriza as estratégias de luta e sobrevivência desses grupos, que, mesmo diante da adversidade, buscam preservar seus territórios, suas culturas e suas formas de organização social. O livro mostra que a defesa da floresta e dos rios não é apenas uma questão ambiental, mas um ato político, que desafia as hierarquias estabelecidas e reivindica o direito à diferença. Nesse sentido, a obra dialoga com uma tradição crítica que reconhece a importância dos saberes tradicionais e das formas de organização coletiva para a construção de alternativas ao modelo hegemônico.

A linguagem adotada pelo autor é densa e precisa, sem cair no tom panfletário. Persch utiliza dados empíricos e reflexões teóricas para fundamentar sua análise, mas nunca perde de vista a dimensão humana do problema. *O Antropoceno e a (in)justiça ambiental* é

construído a partir de uma tensão entre denúncia e esperança: de um lado, a exposição dos danos causados pelo mercúrio e a crítica à inércia das instituições; de outro, a valorização da resistência dos guardiões da floresta, cujas lutas simbolizam a possibilidade de um futuro mais justo e sustentável.

A obra também se destaca pela capacidade de articular o local e o global, mostrando como os efeitos do garimpo e do mercúrio ultrapassam fronteiras nacionais e afetam o equilíbrio do planeta como um todo. O Antropoceno, nessa perspectiva, não é apenas uma categoria geológica, mas um conceito político, que revela a responsabilidade humana diante das crises ambientais e a necessidade de ações coletivas para enfrentá-las. Persch chama a atenção para o fato de que a superação desses desafios exige o reconhecimento dos direitos dos grupos mais vulneráveis e a construção de políticas públicas que promovam a equidade e a proteção do meio ambiente.

A crítica à inércia estatal e à omissão dos poderes públicos perpassa toda a obra, revelando o descaso com que as populações mais vulneráveis são tratadas. O autor mostra que, mesmo diante de evidências científicas e denúncias sociais, as políticas de proteção ambiental e de garantia de direitos são insuficientes, quando não inexistentes. Essa constatação reforça a necessidade de uma mudança de paradigma, em que a justiça ambiental seja reconhecida como princípio fundamental da organização social e política.

A análise dos impactos do mercúrio nos guardiões da floresta é particularmente relevante para os estudos culturais, pois evidencia como a degradação ambiental afeta não apenas a saúde física, mas também a identidade cultural e o modo de vida desses povos. O livro mostra que a contaminação dos rios e dos peixes representa uma ameaça direta à sobrevivência material e simbólica das comunidades tradicionais, que dependem desses recursos para sua alimentação, suas práticas rituais e sua organização social.

O pensamento de Persch também se insere em um contexto de crescente preocupação com as mudanças climáticas e a perda de biodiversidade, fenômenos que desafiam a capacidade de resposta dos Estados e das sociedades. O garimpo ilegal, ao lado de outras atividades predatórias, é um dos principais vetores dessas crises, evidenciando a necessidade de políticas públicas mais robustas e de uma maior participação social na tomada de decisões. O autor destaca que a superação desses desafios exige o reconhecimento dos saberes tradicionais e a valorização das formas de organização coletiva das comunidades afetadas.

A narrativa do livro é marcada por uma tensão entre a denúncia dos problemas estruturais e a valorização das lutas sociais. Persch não se limita a apontar os danos causados pelo garimpo, mas reconhece a importância da resistência dos povos indígenas e das comunidades tradicionais, cujas estratégias de sobrevivência e de luta simbolizam a possibilidade de um futuro mais justo e sustentável. O autor mostra que, mesmo diante de adversidades, essas comunidades continuam a defender seus territórios e seus modos de vida, reafirmando o direito à diferença e à dignidade.

O Antropoceno e a (in)justiça ambiental é, portanto, uma reflexão crítica sobre os limites do desenvolvimento e as possibilidades de justiça ambiental. Ao analisar os efeitos do mercúrio causados pelo garimpo nos guardiões da floresta, o autor contribui para o debate contemporâneo sobre sustentabilidade, direitos humanos e democracia, mostrando que a superação das crises ambientais exige o reconhecimento dos direitos dos grupos mais vulneráveis e a construção de políticas públicas que promovam a equidade e a proteção do meio ambiente.

A linguagem densa e articulada do livro, aliada à abordagem interdisciplinar, permite compreender o garimpo e seus impactos em toda a sua complexidade, sem reduzi-lo a uma questão técnica ou meramente econômica. A obra de Persch é, assim, uma referência fundamental para pesquisadores, estudantes e ativistas interessados em justiça ambiental, estudos culturais e direitos humanos.

Ainda que o livro não se proponha a oferecer soluções definitivas, ele aponta caminhos para a transformação, sugerindo que a superação da injustiça ambiental passa pelo reconhecimento dos direitos dos grupos mais vulneráveis e pela construção de políticas públicas que promovam a equidade e a proteção do meio ambiente. Persch demonstra que a luta dos guardiões da floresta não é apenas uma questão de sobrevivência, mas um desafio ético e político para toda a sociedade, que deve repensar suas relações com a natureza e com os outros seres humanos.

O diálogo entre justiça ambiental e direitos humanos é um dos aspectos mais ricos da obra. Persch mostra que a contaminação pelo mercúrio não é apenas uma questão técnica, mas um problema de direitos, que afeta a dignidade, a autonomia e o futuro das comunidades tradicionais. O livro evidencia que a defesa do meio ambiente e a garantia dos direitos humanos são indissociáveis, e que a superação das crises ambientais exige o fortalecimento das lutas sociais e a construção de novas formas de organização política.

A obra de Persch é, portanto, uma contribuição fundamental para o debate contemporâneo sobre justiça ambiental, desenvolvimento sustentável e direitos humanos. Ao analisar os efeitos do mercúrio causados pelo garimpo nos guardiões da floresta, o autor oferece uma reflexão crítica sobre os limites do desenvolvimento e as possibilidades de transformação social, mostrando que a superação das crises ambientais exige o reconhecimento dos direitos dos grupos mais vulneráveis e a construção de políticas públicas que promovam a equidade e a proteção do meio ambiente.

A linguagem densa e articulada do livro, aliada à abordagem interdisciplinar, permite compreender o garimpo e seus impactos em toda a sua complexidade, sem reduzi-lo a uma questão técnica ou meramente econômica. *O Antropoceno e a (in)justiça ambiental* é, assim, uma referência fundamental para pesquisadores, estudantes e ativistas interessados em justiça ambiental, estudos culturais e direitos humanos.

Recebido em 25 de junho de 2025.

Aceito em 11 de outubro de 2025.